

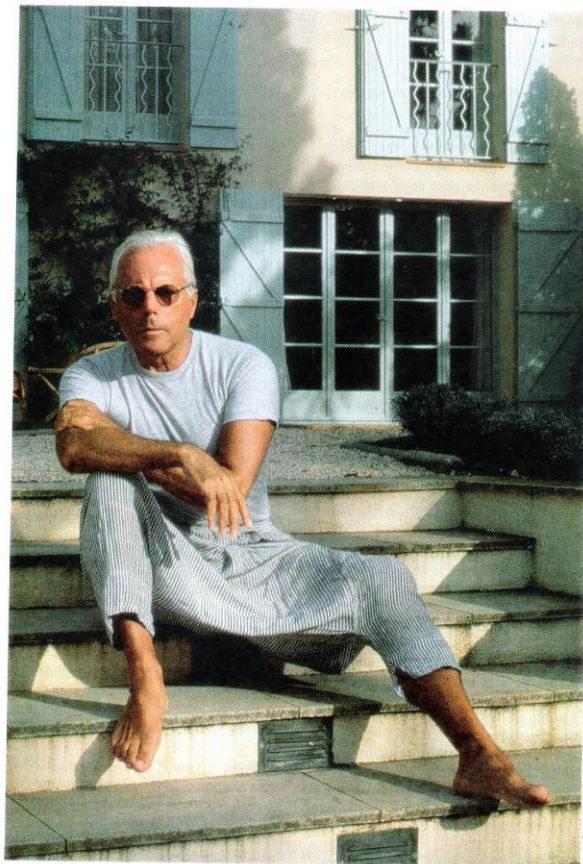
Moda melhora até o sexo

Giorgio Armani, o estilista que tirou a goma da roupa masculina, comemora a paixão pelo trabalho e a abertura de mais uma loja em São Paulo

VALÉRIA PROPATO, DE ROMA

Quando, há dias, o desfile que apresentaria sua coleção outono-inverno 99, numa tenda armada na praça St-Sulpice, em Paris, foi cancelado pelas autoridades francesas 40 minutos antes de começar, o sangue italiano de Giorgio Armani ferveu. Ele havia passado os dias anteriores lutando para atender a todas as exigências da prefeitura parisiense quanto à segurança da tenda. "A maneira como os franceses trataram o assunto foi chocante", reclamou Armani. "Sempre houve competição entre franceses e italianos, mas há limites a serem observados, mesmo numa competição. As vezes é preciso demonstrar um pouco de humanidade", ponderou. Mas ele logo se recompôs e deixou o controle da situação para o seu lado empresário - frio e pragmático, embora armado de alguns alfinetes. "É claro que vou voltar a apresentar desfiles em Paris", garantiu a uma numerosa platéia de jornalistas, no Hotel Ritz. "Até porque, adoro uma boa briga." Ele tem boas razões para reagir com serenidade. Em 1996, sua griffe faturou mais do que todos os seus concorrentes na Itália, de Valentino a Versace, passando por Ferré, Fendi e Prada.

Inspirado inicialmente no cinema hollywoodiano do pós-guerra, ele livrou a elegância de regras. Democratizou o estilo casual dos ricos, desestruturou o paletó, tirou o forro dos blazers, jogou no lixo as couraças masculinas e transferiu as inovações para o guarda-roupa feminino. De estilista, passou a patrão e empresário. Além da linha de alta-costura, a Giorgio Armani criou uma segunda linha, de preços mais acessíveis, desmembrada em Emporio, Armani Jeans e Armani Exchange. Ele tem um interesse particular pelo Brasil. Na segunda quinzena de abril, inaugura em São Paulo a segunda loja Emporio. Giorgio Armani falou a ISTOÉ.



Armani, ex-estudante de Medicina: "Meu estimulante é o trabalho"

ISTOÉ - O homem ainda tem medo de sentir-se ridículo ou de se ver tachado de gay quando se veste?

Giorgio Armani - Os homens hoje estão mais vaidosos. Ficaram mais conscientes de seu físico e mais livres no modo de vestir. Uma série de preconceitos caiu por terra e eles estão aprendendo a se conhecer melhor, a fazer uma autocrítica e a amar sem pudor. É verdade que as mulheres ainda são mais velozes, mais determinadas e menos complicadas quando se trata de absorver a moda. Os homens ainda precisam ter mais coragem de ousar, principalmente os políticos, os grandes executivos, os homens maduros, que tendem a ser mais preconceituosos.

ISTOÉ - Qual a diferença entre estilo e elegância?

Armani - A elegância é fugaz, o estilo é eterno e não tem sexo. Ter estilo significa ter parâmetros a seguir e não presos para se crucificar. Que parâmetros? Os necessários para conservar a própria identidade, cultivar os próprios tiques, escolher qualidade e não quantidade. Não quero dizer que se deva usar por toda uma vida o mesmo modelo de calça e blazer. O estilo é como o leito de um rio: está na base, mas sobre ele escorre água sempre nova, sempre em movimento.

ISTOÉ - Como o sr. define um homem elegante?

Armani - Os sapatos devem sempre combinar com a roupa e a roupa deve combinar sempre com a ocasião. Um homem elegante acrescenta aos elementos que tem à disposição a marca da própria personalidade, não se subestima nem supervaloriza, tem o dom da espontaneidade e odeia a ostentação.

ISTOÉ - Quais são os acessórios na moda masculina que podem destruir a elegância?

Armani - Echarpes, meias e gravatas tanto podem ajudar quanto arruinar o visual. Se não souber combinar, é um desastre. Jóias são deletérias. Todas, com exceção do relógio. E, mesmo assim, discreto, por favor. Existe uma ideia que suporta um colar de prata, uma pulseira étnica. Adorna, embeleza. Mas, quando se passa dos 25, não dá mais.

ISTOÉ - Como se vestem os italianos?

Armani - Somos um dos povos mais

elegantes do mundo. Temos um bom gosto nato e uma grande tradição de elegância. A burguesia veste-se melhor que a nobreza. É atual, flexível e moderna. Os nobres se aferram mais a estereótipos da alta-costura e a um modo antigo de combinar formas e cores.

ISTOÉ - Ter dinheiro ajuda a ser elegante?

Armani - Ajuda, mas não é determinante. É possível ser elegante em calça e pulôver e deselegantíssimo com



Suzana Werner em desfile na Europa

"Já vesti Suzana em várias ocasiões e tenho certeza de que fará uma bela carreira"

um terno de griffe. Vejo pessoas de ambos os sexos que não são ricas e são elegantíssimas e milionárias aos quais ofereceria com prazer uma consultoria.

ISTOÉ - O que o sr. tem a dizer às pessoas que amam o seu design, mas não podem se dar ao luxo de vestir Armani?

Armani - Que não é impossível. Me acusam de hipócrita quando digo que não me preocupo em vestir os ricos, mas em vestir. Criei tantas linhas di-

versas, uma gama totalmente variada de produtos que é difícil pensar que quem ama o meu estilo não encontra roupa adequada ao bolso. Como teria o faturamento que tenho vendendo somente vestidos caros?

ISTOÉ - Mesmo diante de altos faturamentos, as griffes precisam cada dia de mais investimentos. Valentino e Gucci agora têm ações em Bolsa. O sr. pretende seguir a mesma estrada?

Armani - Eu estou sempre investindo, reforçando a rede de vendas, estreitando os laços com os fornecedores de matéria-prima para encurtar o processo produtivo. Os resultados são encorajadores e talvez por isso ainda não penso em ações na Bolsa.

ISTOÉ - Armani não casou nem tem filhos. A sucessão não o preocupa?

Armani - Se não pensasse em sucessão seria um insensato. Não tenho filhos, mas tenho dois sobrinhos que trabalham comigo e ao longo dos anos soube criar um staff de colaboradores que são mais armanianos que Giorgio Armani. Isso me dá uma certa serenidade.

ISTOÉ - O que está por trás de uma criação Armani: uma interpretação de gostos pessoais e dos homens em geral ou o desejo de satisfazer fantasias eróticas femininas?

Armani - Existe a minha sensibilidade, a observação das mudanças de tendências e costumes e a minha vontade de dar, por meio dos vestidos que desenho, dignidade, elegância e sensualidade.

ISTOÉ - O sr. nunca teve a tentação de romper com esquemas de mercado e abandonar o estilo clássico?

Armani - Qualquer um que trabalhe com criatividade tem essa tentação, mas nunca tive intenção. Sou um homem do meu tempo e me interessa o pragmatismo contemporâneo. Me dá prazer inventar uma elegância moderna, sem ambições futurísticas. Isso é mais difícil que liberar a criatividade.

Teria adorado ser mais audacioso, embora mudar a estrutura interna dos ternos seja já uma evolução (eu fui o primeiro a fazer isso). Gostaria de mostrar que sou corajoso ultrapassando limites, sem obedecer às necessidades de mercado. Mas é um sacrifício que me impus. E, se depois de tantos anos as pessoas ainda acreditam em mim, quer dizer que fiz a coisa certa. ▶▶

▶ Muitas vezes, a irreverência pode esconder uma total abstinência de idéias.

ISTOÉ - Muitos estilistas querem aparecer e se perdem em extravagâncias, a despeito do estilo e da seriedade. O que acha disso?

Armani - Eu já disse e repito: nas minhas passarelas desfilam somente os modelos que depois se encontram nas minhas lojas em todo o mundo. Por uma questão de ética, não vendo só um nome, vendo produtos reais. E o tempo joga a favor de quem se comporta razoavelmente, renunciando a manchetes de jornais, mas realizando negócios, grazie a Dio, consistente e sólido.

ISTOÉ - As agências despejam no mercado modelos cada vez mais jovens. Um verdadeiro lolitismo tomou conta das passarelas. Qual a sua opinião sobre o assunto?

Armani - Essa febre de ninfetas não me contagiou. Seleciono modelos mais jovens só para a linha Emporio. Para a Giorgio Armani, de alta-costura, jamais. Sou absolutamente contrário a esse lolitismo em voga. Não é natural. Me parece um artifício a mais para estimular as vendas e deixo isso para aqueles que não conseguem propor uma moda interessante.

ISTOÉ - Qual a sua opinião sobre a modelo Suzana Werner, namorada de Ronaldo?

Armani - É belíssima e simpática. Já vesti Suzana em várias ocasiões, como o Gran Galla della Pubblicità (festa de premiações dos melhores spots publicitários italianos), e tenho certeza de que fará uma bela carreira na Europa graças a sua beleza solar.

ISTOÉ - Armani hoje é um nome famoso. Geralmente, nessas grandes aventuras existe um homem com um sonho e muitos obstáculos. Como foi a sua história?

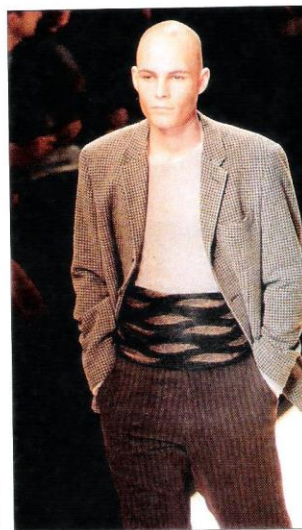
Armani - Quando era jovem, não imaginava que tinha talento para desenhar. Sofria de um complexo de inferioridade em relação ao meu irmão, que era mais alto, mais bonito, empreendedor. E talvez esse sentimento tenha ajudado a desenvolver minhas forças. Nunca frequentei uma escola de desenho. Estudava Medicina e no segundo ano de faculdade descobri que não tinha nenhum interesse nem vocação. Abandonei os estudos e consegui por puro acaso um emprego numa grande loja de

moda. Rinascente. Ali, me senti em casa. Comecei decorando vitrine e, aos poucos, passei a desenhar. Era como um teatro onde os espectadores eram os clientes.

ISTOÉ - Como é Giorgio Armani na intimidade?

Armani - Não tenho um temperamento fácil. Sou ciumento e possessivo. Quero as pessoas só para mim; sugo ao máximo. Quero tudo. Meu estimulante não é o dinheiro e sim o trabalho e a

"Nas minhas passarelas só desfilam os modelos que depois estarão nas lojas"



Armani para 1999: clássico moderno

estética. A moda ajuda a fazer sexo melhor, a ser sedutor e a chamar a atenção dos outros.

ISTOÉ - Quais são seus sonhos, medos e paixões?

Armani - Sonho com uma vida sem muita pressão, deveres, reuniões inadiáveis. Tenho medo da doença e da solidão que, acredito, sejam os temores de todos. Sou um apaixonado pelo cinema, junto com amigos, passeio pelos

shoppings. Sempre que posso, escapo para um weekend na minha bellissima mansão na periferia de Milão. Felizmente, nos últimos anos pude me conceder alguns meses de férias. Divido o verão entre minhas casas em Saint-Tropez e Pantelleria, na Sicília. As férias de inverno, breves mas intensas, passo no Caribe. Tem também a viagem de Páscoa. No ano passado, escolhi Rajastan, uma província na União Soviética. Este ano ainda não decidi.

ISTOÉ - Por que o sr. decidiu abrir um Emporio Armani no Brasil?

Armani - É a única loja da griffe Armani na América Latina. O Brasil é um país internacional, sem preconceitos e os brasileiros me fascinam, têm um caráter solar e uma vitalidade invejáveis.

ISTOÉ - O Emporio Armani instalado em São Paulo fez tanto sucesso que o sr. decidiu expandir os negócios. Em abril, inaugura um segundo Emporio, no Shopping Iguatemi. Algo de especial para satisfazer uma exigência e uma estética tropicais?

Armani - Em apenas um ano, o Emporio Armani brasileiro teve um faturamento de 60% acima do previsto. Estou contente, não esperava. Mas nunca desenhando nada de particular para um país porque vendo em todo o mundo. São 190 lojas nos Estados Unidos, na Europa, no Japão e na China e me preocupo em manter o estilo Armani. Cabe aos franqueados fazer uma seleção adequada e oportuna. E isso não é difícil por duas razões: a primeira é porque o bom gosto é universal, e a segunda é porque a linha Emporio oferece um leque vastíssimo de opções.

ISTOÉ - Como seria uma moda brasileira by Armani?

Armani - Adequada ao Brasil e ao estilo Armani, ou seja, desavergonhada, colorida, sensual sem perder um dedo de chique.

ISTOÉ - Em que países encontrou mais inspiração para o design?

Armani - Os países orientais são sem sombra de dúvida mais sintonizados com meu modo de interpretar a substância e a filosofia da moda. Ah, a espiritualidade dos desenhos japoneses, os coloridos doces e pastosos do Marrocos e da Tunísia, o luxo dos bordados indianos. Do Ocidente, aprecio a tradição aliada ao desejo de experimentação. ■